

CLARA PANDOLFO – CONTEÚDOS PARA A MÍDIA

1. MATÉRIA ESPECIAL PARA JORNAIS IMPRESSOS E REVISTAS

Livro conta a história de Clara Pandolfo, a cientista da Amazônia

Professora, pesquisadora e primeira química formada na região Norte teve papel relevante na defesa da floresta

A história de uma paraense que viveu à frente do seu tempo, lutando pelo desenvolvimento sustentável da Amazônia e ocupando espaços dominados pelos homens desde o início do século XX. A vida e o trabalho de Clara Pandolfo estão no livro “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia”, de autoria do jornalista, historiador e escritor Murilo Fiuza de Melo, que será lançado no dia 1º de setembro, no Palacete Faciola, em Belém.

Inspiradora e incentivadora, pioneira na emancipação feminina, Clara Pandolfo foi a primeira mulher a se formar em química na região Norte, aos 17 anos, em 1929, e uma das cinco primeiras do país. “Clara Pandolfo lutou muito para conseguir realizar seus objetivos pessoais e profissionais. Enfrentou, desde os anos 1930, diversas barreiras impostas às mulheres e que perduram até hoje, mas conseguiu deixar um relevante legado de vida pública”, afirmou o escritor Murilo Fiuza de Melo, autor do livro e neto da cientista.

Clara Pandolfo utilizou conceitos de economia e ecologia para idealizar o manejo florestal sustentável décadas antes dessa técnica ser implementada no país. “A única ocupação econômica que não destrói a cobertura florestal é a exploração florestal organizada, que permite a utilização desses recursos indefinidamente”, afirmou a cientista, em maio de 1972.

Filha do comerciante português Albano Augusto Martins e da paraense Judith Barreau do Amaral Martins, Clara Barreau do Amaral Martins nasceu em Belém, no dia 12 de junho de 1912. Nos anos de 1930, conheceu Rocco Raphael Pandolfo, gaúcho de Porto Alegre que se mudara para a capital paraense no fim da década de 1920 em busca de emprego. Os dois se casaram em 1936, quando Clara adotou o sobrenome que passou usar na vida profissional. O casal viveu junto por 50 anos e teve três filhos: Vera, Sérgio (o médico ginecologista e escritor Sérgio Pandolfo) e Maria Lúcia.

Na década de 1930, já casada, Clara e a irmã mais velha, Olímpia, tiveram participação ativa na luta pelo voto feminino. Foram eleitas diretoras do Núcleo Paraense pelo

Progresso Feminino, que representava no Pará a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, criada pela bióloga e feminista paulista Bertha Lutz. Em 1932, muito por causa da pressão das sufragistas, o Congresso Nacional aprovou o Código Eleitoral que reconheceu o direito das mulheres de eleger e de se candidatar a cargos políticos.

Clara nasceu no ano em que a economia da borracha entrou em crise na Amazônia, com a decadência dos seringais paraenses no comércio internacional, face aos investimentos ingleses em plantações na Malásia e no Ceilão. A crise afetou os negócios do pai, proprietário da Casa Albano, um dos mais tradicionais pontos comerciais de Belém.

Em 1930, Clara graduou-se pela então Escola de Chimica Industrial do Pará. Como trabalho de graduação, apresentou a monografia “Contribuição ao estudo químico das plantas amazônicas”, ponto de partida para uma trajetória pessoal e profissional voltada à discussão das questões regionais e à utilização dos recursos naturais amazônicos. Na capital paraense, a Escola de Chimica Industrial foi abrigada nas instalações do Museu Comercial, criado pela Associação Comercial do Pará em maio de 1918, como forma de divulgar as matérias-primas da Amazônia.

Diretora da Escola de Química Superior do Pará antes da sua incorporação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), de janeiro de 1961 a janeiro de 1964, a cientista conseguiu implantar o Laboratório de Análise Espectral, inaugurado em 1963, por meio de convênio com a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), instituição que antecedeu a Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). O Laboratório contava com equipamentos de ponta comprados no exterior.

“Clara Pandolfo foi uma das mais notáveis paraenses, pioneira na emancipação da mulher. Foi aluna muito estimada de Paul Le Cointe (professor e naturalista francês radicado no Pará, responsável por extensa pesquisa sobre a Amazônia) na velha escola de química, produto de uma época em que a elite local ainda era esclarecida, mesmo – ou, sobretudo – depois da decadência da borracha”, escreveu o jornalista e sociólogo Lúcio Flávio Pinto, em seu Jornal Pessoal.

A cientista morreu aos 97 anos, em 2009. Para o escritor Murilo Fiuza de Melo, a trajetória de Clara Pandolfo mostra a importância “de se pensar a Amazônia” e fazer ciência com foco no desenvolvimento sustentável. “O projeto ‘Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia’ tem o papel de fomentar debates e registrar que a ciência pode e deve ser produzida na Amazônia e por mulheres. Clara Pandolfo é um ponto de prova que serve para motivar e inspirar novas gerações de estudantes na busca pelo conhecimento. Para mim, como jornalista e historiador, é uma honra contar esta história”, afirmou.

Serviço

O projeto “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia”, composto pelo livro, minidocumentário, site e ciclo de palestras, será lançado em evento no dia 1º de setembro de 2025, às 15 horas, no Palacete Faciola, localizado na Nazaré, 138, em Belém do Pará.

Box

Um projeto para as novas gerações

O lançamento de “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia” tem como objetivo apresentar o conhecimento científico a jovens e estudantes. O projeto do escritor Murilo Fiuza de Melo envolve o livro impresso, e-book e audiobook, que serão entregues gratuitamente a escolas e bibliotecas e disponibilizados, via plataformas digitais, para estudantes e professores de escolas públicas do ensino médio, técnico e universitário, pesquisadores e público interessado.

Também serão produzidos um videodocumentário biográfico sobre Clara Pandolfo, para divulgação em instituições de ensino, e um site do projeto com vídeos, depoimentos e produtos para download gratuito. A iniciativa está alinhada ao movimento liderado pela UNESCO e pela ONU Mulheres que visa incentivar a inclusão de mulheres e meninas na ciência.

Jornalista com 30 anos de experiência em empresas e em veículos de imprensa, com especialização em produção de conteúdo nas áreas de Ciência e Tecnologia, Sustentabilidade, Energia, Mineração e Logística, Murilo Fiuza de Melo trabalhou nas redações de alguns dos principais jornais do país, como Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil. É coautor dos livros “O caso dos nove chineses” (2014), “Todas as mulheres dos presidentes” (2019), “Os motéis e o poder” (2021) e “Janja – a militante que virou primeira-dama” (2023).

Sub

Uma mulher visionária e dedicada ao serviço público

“Visionária. A química paraense Clara Pandolfo foi uma das cientistas mais importantes da história da Amazônia. Ela idealizou o manejo florestal sustentável décadas antes de sua implementação e teve a ideia de usar satélites para detecção de desmatamento.” Esse trecho do livro “O silêncio da motosserra: quando o Brasil decidiu salvar a Amazônia” é referência a uma importante personagem da vida pública na Amazônia do século XX. Escrito pelo jornalista Cláudio Angelo, com a colaboração do engenheiro florestal Tasso Azevedo, e lançado em 2024 pela Editora Companhia das Letras, a

publicação trata daquilo que os autores classificam como “imperativo ético” da atualidade: parar a devastação da floresta. Clara Barreau do Amaral Martins - depois de casada, Clara Pandolfo - não poderia deixar de ser citada.

Desde a década de 1950, quando passou a atuar na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), Clara Pandolfo assumiu papel relevante em diferentes governos, sempre atenta aos processos de ocupação da Amazônia, com todos as suas consequências. Nos anos de 1960, com a extinção da SPVEA, ocupou a direção do Departamento de Recursos Naturais da recém-criada Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Nesse cargo permaneceu por 30 anos, atravessando distintas gestões.

Clara Pandolfo tornou-se voz ativa na defesa da utilização racional dos recursos naturais da Amazônia, em especial das florestas, ainda que suas ideias batessem de frente com a política colonizadora do “Integrar para não entregar” imposta pelo regime ditatorial militar brasileiro (1964-1985) para a região. “A floresta não pode e não deve continuar a ser olhada como ocupante transitória do terreno, onde permanece apenas até o momento em que surge a necessidade de seu extermínio, para ceder lugar a outros usos do solo”, afirmou, em 1978.

“Clara Pandolfo foi pioneira em unir os conceitos de Economia e Ecologia ao discutir o manejo florestal como uma alternativa para um desenvolvimento realmente sustentável da Amazônia, antes mesmo da palavra sustentável entrar no léxico do debate ambiental no país”, afirmou o jornalista, historiador e escritor Murilo Fiuza de Melo, autor de “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia”, livro que será lançado no dia 1º de setembro, em Belém, como parte de um grande projeto de resgate da professora e pesquisadora que foi a primeira química da região Norte. Segundo Murilo, Clara foi visionária ao ter a ideia, ainda em 1972, de usar satélites para detecção de desmatamento na Amazônia, como reconhece o pesquisador Antonio Tardin, um dos criadores do Prodes, programa do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) que é referência no monitoramento neste tipo de controle ambiental na região.

Clara Pandolfo nasceu e cresceu sob o impacto da decadência do ciclo da borracha, uma das primeiras grandes intervenções desenvolvimentistas na floresta amazônica, no início do século XX. A falência da exploração dos seringais jogaria a Amazônia em uma profunda crise econômica.

Formada pela antiga Escola de Química Industrial, Clara Pandolfo conseguiu seu primeiro emprego como auxiliar do Laboratório de Análises Clínicas da Secretaria de Educação e Saúde Pública do Pará. Clara trabalhou para o governo do Pará de 1931 a 1954. Cuidou das áreas de análises clínicas de alimentos, cosméticos e de vacinas da rede pública de saúde do estado.

Ao lado do serviço público, exerceu o magistério por quase 20 anos. Ensinou Química em cursos vestibulares e no Colégio Moderno, um dos mais tradicionais da capital paraense, de 1950 a 1967. Foi professora de Química Inorgânica, Orgânica e Biológica na Escola de Enfermagem do Pará (1949 a 1961). Também dirigiu a Escola Superior de Química do Pará (antiga Escola de Química Industrial). Com a integração da Escola à Universidade Federal do Pará (UFPA), assumiu a chefia do Departamento de Química Orgânica e Analítica. Aposentou-se em 1967.

Por meio da resolução n. 1713, de 2 de janeiro de 1989, Clara Pandolfo recebeu o título de professora emérita da Universidade Federal do Pará. Entre 1960 e 2013, além dela, apenas mais duas mulheres, num universo de 44 professores, foram agraciadas com a honraria.

Ainda menina, Clara se dividia entre os estudos e o piano. A música acompanhou a cientista até a maturidade.

2. RELEASE PARA PORTAIS E DIVULGAÇÃO

O jornalista, historiador e escritor Murilo Fiuza de Melo lança no dia 1º de setembro, no Palacete Faciola, em Belém, o livro “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia”, a história de uma paraense que viveu à frente do seu tempo, lutando pelo desenvolvimento sustentável da Amazônia e ocupando espaços dominados pelos homens desde o início do século XX.

Inspiradora e incentivadora, pioneira na emancipação feminina, na década de 1930 participou do movimento feminista em defesa do voto da mulher e do sufrágio universal no país, Clara Pandolfo foi a primeira mulher a se formar em química na região Norte, aos 17 anos, em 1929, e uma das cinco primeiras do país. Desde os anos de 1930, segundo Murilo Fiuza de Melo, que é neto da cientista, “Clara enfrentou diversas barreiras impostas às mulheres e que perduram até hoje, mas conseguiu deixar um relevante legado de vida pública”.

Clara Pandolfo utilizou conceitos de economia sustentável, baseados na ecologia e no manejo florestal, muito antes desses temas entrarem na pauta das nações do mundo todo. “A única ocupação econômica que não destrói a cobertura florestal é a exploração florestal organizada, que permite a utilização desses recursos indefinidamente”, afirmou a cientista, em maio de 1972.

Filha do comerciante português Albano Augusto Martins e da paraense Judith Barreau do Amaral Martins, Clara Barreau do Amaral Martins nasceu em Belém, no dia 12 de junho de 1912. Nos anos de 1930, conheceu Rocco

Raphael Pandolfo, gaúcho de Porto Alegre que se mudara para a capital paraense no fim da década de 1920 em busca de emprego. Os dois se casaram em 1936, quando Clara adotou o sobrenome que passou usar na vida profissional. O casal viveu junto por 50 anos e teve três filhos: Vera, Sérgio (o médico ginecologista e escritor Sérgio Pandolfo) e Maria Lúcia.

Em 1930, Clara graduou-se pela então Escola de Química Industrial do Pará, dirigida pelo renomado naturalista francês Paul Le Cointe, tornando-se a primeira mulher da região Norte a formar-se nessa disciplina e uma das cinco primeiras no país. Como trabalho de graduação, apresentou a monografia “Contribuição ao estudo químico das plantas amazônicas”, ponto de partida para uma trajetória pessoal e profissional voltada à discussão das questões regionais e à utilização dos recursos naturais amazônicos.

Clara foi a última diretora da Escola de Química Superior do Pará antes da sua incorporação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Em sua gestão, de janeiro de 1961 a janeiro de 1964, a cientista conseguiu implantar o Laboratório de Análise Espectral, inaugurado em 1963, por meio de convênio com a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), instituição que antecedeu a Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). O Laboratório contava com equipamentos de ponta comprados no exterior.

A cientista Clara Pandolfo morreu aos 97 anos, em 2009. Para o escritor Murilo Fiuza de Melo, a trajetória da cientista mostra a importância “de se pensar a Amazônia” e fazer ciência com foco no desenvolvimento sustentável. “O projeto ‘Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia’ tem o papel de fomentar debates e registrar que a ciência pode e deve ser produzida na Amazônia e por mulheres. Clara Pandolfo é um ponto de prova que serve para motivar e inspirar novas gerações de estudantes na busca pelo conhecimento. Para mim, como jornalista e historiador, é uma honra contar esta história”, afirmou.

O lançamento de “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia” tem como objetivo apresentar o conhecimento científico a jovens e estudantes. O projeto do escritor Murilo Fiuza de Melo envolve o livro impresso, e-book e audiobook, que serão entregues gratuitamente a escolas e bibliotecas e disponibilizados, via plataformas digitais, para estudantes e professores de escolas públicas do ensino médio, técnico e universitário, pesquisadores e público interessado.

Também serão produzidos um videodocumentário biográfico sobre Clara Pandolfo, para divulgação em instituições de ensino, e um site do projeto com vídeos, depoimentos e produtos para download gratuito. A iniciativa está alinhada ao movimento liderado pela UNESCO e pela ONU Mulheres que visa incentivar a inclusão de mulheres e meninas na ciência.

Serviço

O projeto “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia”, composto pelo livro, minidocumentário, site e ciclo de palestras, será lançado em evento no dia 1º de setembro de 2025, às 15 horas, no Palacete Faciola, localizado na Nazaré, 138, em Belém do Pará.

3. NOTA PARA COLUNISTAS, BLOGUEIROS E REDES SOCIAIS

O jornalista, historiador e escritor Murilo Fiuza de Melo lança no dia 1º de setembro, no Palacete Faciola, em Belém, o livro “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia”, a história de uma paraense que viveu à frente do seu tempo, lutando pelo desenvolvimento sustentável da Amazônia e ocupando espaços dominados pelos homens desde o início do século XX.

Pioneira na emancipação feminina, na década de 1930 participou do movimento feminista em defesa do voto da mulher e do sufrágio universal no país, Clara Pandolfo foi a primeira mulher a se formar em química na região Norte, aos 17 anos, em 1929, e uma das cinco primeiras do país. Desde os anos de 1930, segundo Murilo Fiuza de Melo, que é neto da cientista, Clara Pandolfo utilizou conceitos de economia sustentável, baseados na ecologia e no manejo florestal, muito antes desses temas entrarem na pauta das nações do mundo todo. “A única ocupação econômica que não destrói a cobertura florestal é a exploração florestal organizada, que permite a utilização desses recursos indefinidamente”, afirmou a cientista, em maio de 1972.

O projeto “Clara Pandolfo, uma cientista da Amazônia”, composto pelo livro, minidocumentário, site e ciclo de palestras, será lançado em evento no dia 1º de setembro de 2025, às 15 horas, no Palacete Faciola, localizado na Nazaré, 138, em Belém do Pará.